

A economista doméstica e a família



A professora Maria Lúcia Simonini.

O exemplo de organização e administração de uma casa, utilizando, devidamente, os recursos humanos e materiais da família, não é fácil de ser encontrado. Conscientemente, as donas de casa não colocam toda a inteligência, o talento, o tempo e outros recursos humanos e materiais, a serviço da administração das suas casas. Com frequência, o que se vê são donas de casa presas a valores hereditários, que acabam por inibir qualquer possibilidade de acompanhar a evolução do mundo atual.

Para estudar o uso dos recursos humanos e materiais da família, o curso de Economia Doméstica oferece a disciplina «Organização e Administração do Lar». Basicamente, a matéria visa à preparação da economista doméstica, no sentido de educar bem as famílias para o bom uso dos seus recursos, aproveitando, principalmente, o tempo e executando, com critério, as tarefas diárias.

tencial, estamos preparados para bem administrar nosso dinheiro? A professora Maria Lúcia Simonini responde à pergunta, sem generalizar, com um «não». Diz ela que, condicionados à carga diária de propagandas comerciais que entram em nossas casas, principalmente através da televisão, acabamos dispendo do nosso dinheiro, levados apenas pelo aspecto visual das embalagens dos produtos anunciados.

Para orientação do consumidor, o curso de Economia Doméstica, muito abrangente, em termos da vida prática diária, apresenta a disciplina «Educação do Consumidor», que ensina como bem utilizar o dinheiro, dentro das possibilidades financeiras de cada família. Em resumo, a matéria ensina: «Estudo da importância do consumidor na economia e dos fatores que afetam o consumo, administração do dinheiro e normas para melhores compras».

Administração

A administração de uma casa, que a rigor deve ser feita consciente e racionalmente, sempre foi feita na base da intuição. As donas de casa não têm conhecimento dos métodos de sua administração, a menos que seja através dos valores hereditários, que, na maioria das vezes, prejudicam, em vez de facilitarem a tarefa.

As economistas domésticas são preparadas no sentido de identificar os valores de determinada família, e tentar mostrar que, além deles, existem outros. Muitas famílias, segundo afirma a professora Maria Lúcia Simonini, do Departamento de Economia Doméstica, têm como valor primordial, por exemplo, a educação. Assim, acabam investindo só na educação, esquecendo-se de outros valores, também importantes.

As economistas domésticas orientam as famílias, quanto à melhor maneira de organizar e administrar o lar, com inteligência, utilizando o tempo e o talento. É Maria Simonini quem diz: «Uma família de baixa renda pode melhorar o seu padrão de vida, utilizando apenas o talento de cada um de seus membros. Uma dona de casa que sabe costurar, por exemplo, pode confeccionar roupas para a família, para os vizinhos e, com isto, aumentar a sua renda».

A atuação das economistas domésticas, na área de organização e administração do lar, é muito ampla. Elas ensinam as famílias até mesmo como escovar os dentes, mostrando as consequências da falta desse costume, bem como a maneira de a família usar a sua casa. «A criança é mais fácil de educar; os adultos têm os costumes arraigados e, portanto, tornam a tarefa mais difícil», diz Lúcia Simonini.

Educação do consumidor

Nós, consumidores em po-

Compras

Na verdade, a maioria das pessoas não sabe comprar. Muitos compram, segundo Lúcia Simonini, «intuitivamente». Como exemplo ela cita: «existem os palitos em caixa e palitos embalados, em papel celofane, mas as pessoas preferem comprar os da caixa, simplesmente, por causa da embalagem, mas os palitos são os mesmos».

Todo mundo quer subir na escala social, esta é a realidade. Quando se convive com alguém que tem dinheiro, você, com pequenos recursos financeiros, comprará tudo o que o vizinho comprar, justamente por causa da ilusão de escala social. Você quer se igualar aos ricos. Isto acontece, como afirma Lúcia Simonini, com muita gente.

Um exemplo: você entra numa mobiliadora e, levado pela aparência de luxo, compra, por exemplo, um jogo de quarto, por um preço alto. Com o tempo, há de convencer-se de que o material é de má qualidade, pois o verniz é que dava a falsa aparência de luxo. Aí, então, descobre que poderia ter pago muito menos, por um artigo melhor e mais durável.

— Não é regra geral — afirma Lúcia Simonini — mas o produto de qualidade inferior chama a atenção pela sua embalagem. Se o fabricante faz nome com seu produto, pode vender a mercadoria que quiser, porquanto o consumidor a compra, na ilusão de estar adquirindo artigo de boa qualidade.

Por meio da disciplina «Educação do Consumidor», aprende-se, entre outras coisas, como se deve gastar o dinheiro, ou seja, a maneira de consumir racionalmente. Afinal, o dinheiro, dentro das possibilidades financeiras de cada um, tem por finalidade melhorar as condições de vida da família (educação, alimentação etc.). Mas, «Educação do consumidor» é uma educação a longo prazo.



UFV

INFORMA

EDITADO PELA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
VIÇOSA - MINAS GERAIS - BRASIL

Ano 11

Quinta-feira, 15 de fevereiro de 1979

N.º 568

Folclore no currículo escolar

Folclore, segundo o dicionário: «Conjunto das tradições, conhecimentos ou crenças populares expressas em provérbios, contos ou canções. Conjunto das canções populares de uma época ou região. Estudo e conhecimento das tradições de um povo, expressas nas suas lendas, crenças, canções e costumes. Demologia. Demopsicologia».

O folclore, com base no «documento-síntese» do I Encontro Universitário de Estudos de Folclore, divulgado pela Assessoria de Assuntos Culturais da Universidade Federal de Viçosa (UFV), é vivência. E não é o exótico, o pitoresco. Não é algo distante, mas pertence ao cotidiano, ao dia-a-dia de cada um.

O encontro foi realizado no mês de outubro do ano passado, a propósito da lei que determina a utilização do folclore na escola de 1.º e 2.º graus. Os participantes do encontro, gente de renome na área do folclore, focalizaram o tema — «qual o papel que caberá à escola no esforço que deve ser conjunto de apoio e preservação de nossos valores culturais, espontâneos e tradicionais» — com a mais alta seriedade.

Eles chegaram a duas conclusões, das quais reconheceram uma: «Inserção da escola no processo cultural da comunidade». E fazem duas importantes recomendações, a primeira delas às escolas, que «deverão dispor de espaço físico, para a prática de jogos e brinquedos folclóricos, principalmente nos grandes centros, onde a rua deixou de ser o seu local apropriado; e deixar que as crianças sigam o seu calendário inconsciente, na prática desses jogos».

E a segunda, aos professores: «O professor deverá estimular os trabalhos de pesquisa do fato folclórico a partir do lar, da rua, do bairro e da cidade do aluno. Sobre tudo, deve ter consciência de que, sendo o folclore uma coisa viva, não devem ser feitos trabalhos de pesquisa bibliográfica, notadamente, nas escolas de 1.º grau (o «documento-síntese» está na página 4).

Irrigação e drenagem, segundo o professor Salassier



Irrigação por aspersão.



Irrigação por sulco.

Valiosa e notória tem sido a contribuição da Universidade Federal de Viçosa (UFV) no desenvolvimento do sistema de Irrigação e Drenagem no Brasil, a qual tem oferecido ao País, anualmente, profissionais altamente capacitados no processo da conversão de terras áridas em terras cultiváveis.

Através do Departamento de Engenharia Agrícola, a UFV atua na formação de técnicos a níveis de graduação e pós-graduação, sendo que, até o momento, 15 alunos já concluíram o mestrado em Engenharia Agrícola, na opção Irrigação e Drenagem. A nível de graduação, é importante salientar que o Curso de Engenharia Agrícola, criado em 1975, diploma profissionais mais qualificados para atuarem na área de Irrigação e Drenagem.

Além disso, os professores do Departamento de Engenharia Agrícola trabalham em pesquisas e assessoram os principais órgãos estaduais e federais, através de palestras e cursos intensivos, bem como na elaboração dos seus programas de pesquisas.

Irrigação

Sendo a precipitação pluvial, em muitas regiões da terra, irregular e insuficiente para a agricultura, a compensação dessa deficiência é feita por meio da

irrigação, a qual consiste na distribuição artificial e racional de água sobre a terra, a fim de torná-la produtiva.

São bastante longínquas as origens da irrigação. Símbolo de poderio econômico, foi praticada na China, na Índia, no Egito, na Assíria, na Pérsia e nos países árabes. Atualmente, é utilizada em vários países, sob diferentes formas.

Drenagem

A drenagem consiste na remoção de água ou de umidade acumulada em terrenos destinados à agricultura e à pastagem, excesso que prejudica a vegetação. Como a irrigação, a drenagem também foi muito usada na Antiguidade, apesar do seu aperfeiçoamento ter se verificado apenas na Idade Média.

Em nossos dias, com a preocupação sempre crescente de aumentar as superfícies cultiváveis, a fim de resolver o problema da fome no mundo, a drenagem assumiu proporções gigantescas, principalmente no que diz respeito à recuperação de áreas alagadas.

No Brasil

A irrigação tem figurado na pauta dos governos brasileiros, desde a época do Império, em virtude do problema das secas no Nordeste, onde foram cons-

truídos os primeiros açudes. Contudo, na opinião do professor Salassier Bernardo, do Setor de Hidráulica do Departamento de Engenharia Agrícola da UFV e autor de vários trabalhos publicados sobre o assunto, «apenas nos últimos quinze anos, com o desenvolvimento da agricultura, é que, efetivamente, começou a ser implantada a irrigação, nas regiões Nordeste e Sudeste».

Segundo o professor Bernardo, os principais órgãos atuantes, na irrigação do Nordeste, são os DNOCS — Departamento Nacional de Obras Contra a Seca e a CODEVASF — Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco. Na região Sudeste, o processamento está subordinado às secretarias de Agricultura dos Estados, ou é feito pelos particulares, ressaltando-se que, em Minas Gerais, a Ruralminas é a responsável pela implantação do PROVARZEAS — Programa de Aproveitamento das Várzeas.

Dessa forma, a irrigação no Brasil vem obtendo desenvolvimento razoável, nas plantações de arroz do Rio Grande do Sul, nos pomares de São Paulo e nas culturas de legumes do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Atualmente, trabalhos de grande envergadura têm sido projetados, no polígono das secas (Nordeste), principalmente em torno da bacia do São Fran-

cisco, ao passo que, na região Sudeste, as centrais elétricas de Urubupungá têm contribuído sensivelmente para o processo de irrigação das proximidades.

Metodologia

Quanto aos métodos empregados na irrigação, o professor Salassier Bernardo esclarece que, basicamente, existem, entre outros, os da irrigação por superfície (por sulco e por inundação); irrigação por aspersão (a água é distribuída em jatos) e, finalmente, o método por gotejamento, sendo este o mais recente.

No que concerne à irrigação com águas subterrâneas, o professor Bernardo explica o desenvolvimento dessa técnica como muito limitada no Brasil, «por serem os nossos poços de baixa capacidade produtiva, excetuando-se os localizados no Maranhão e em algumas microáreas esparsas».

Apesar de, recentemente, cientistas americanos da Universidade da Califórnia (EUA) terem conseguido demonstrar, através de pesquisas e experimentos, que é possível obter êxito, por meio da irrigação com água do mar (anteriormente considerada nefasta às culturas), o professor Bernardo ressalta que o Brasil é ainda auto-suficiente em reservas fluviais, não havendo, portanto, necessidade de ser utilizado, em nosso solo, o método da irrigação salgada.

UFV promove mais um «Dia de Campo sobre Algodão, Soja e Manejo de Solo»

A Universidade Federal de Viçosa (UFV), em colaboração com a Emater-MG, promove, dia 10 de março, em Capinópolis, no seu Centro de Experimentação, Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro (Cepet), um «Dia de Campo sobre Algodão, Soja e Manejo de Solo». Trata-se de mais uma atividade do Conselho de Exten-

são, que contará com a participação de professores dos Departamentos de Fitotecnia e de Solos do Centro de Ciências Agrárias da UFV.

A promoção será iniciada pelo professor Oswaldir Martins, diretor do Cepet, que falará sobre os objetivos do «Dia de Campo». Em seguida, terão

início as atividades práticas, com aulas para os agricultores ligados à cultura do algodão, quando os professores Américo José da Silveira e Tomé da Guerra Filho falarão sobre competição de ervas daninhas, plantio em faixas e localização de fertilizantes. Melhoramento, práticas culturais e produção de sementes serão

os temas a serem abordados pelos professores Tunes Sedyama e Múcio Silva Reis, para os produtores de soja. Enquanto isso, os professores Telmo Carvalho Alves da Silva e Bayron Fernandes, falando sobre manejo de solo, abordarão aspectos ligados ao plantio e à adubação verde.

Mais uma «Tarde de Lazer»



O Teatro de Bonecos foi uma das atrações da «Tarde de Lazer».

Toda a cidade está convidada a participar da segunda «Tarde de Lazer», um programa comunitário, marcada para as 14h do dia 22, no agradável Recanto das Cigarras, ou na Oficina de Criatividade, se chover. A promoção é da Assessoria de Assuntos Culturais da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

A primeira «Tarde de Lazer» foi realizada no dia 25 de janeiro, e dela participaram crianças e adultos. O programa da próxima será o mesmo da anterior: atividades de teatro, artes plásticas e música. Os participantes terão de trazer de casa todo o material a ser utilizado: instrumentos musicais, revistas velhas, sucata, cola e caixas.

Pelo menos 30 crian-

ças — e vários adultos — participaram da primeira «Tarde de Lazer». Um ônibus especial da UFV, que partiu da Oficina de Criatividade, levou os participantes da promoção ao Recanto das Cigarras, local tido como a principal área de lazer de Viçosa. Lá, adultos e crianças divertiram-se a valer e, por último, assistiram ao teatro de bonecos.

Para participar da «Tarde de Lazer» não há limite de idade. Você que é pai, participe da promoção e leve seu filho, pois este poderá ser um programa inesquecível. O Recanto das Cigarras é um local todo gramado, cheio de árvores frondosas, onde os pássaros cantam livres. Você e seu filho estarão em contato com a natureza.

O Nacionalismo na Arte Brasileira

Você acaba de assumir um compromisso com Luciana Melo, Martha Carvalho, Nilson Rensende e Hilda Lourenço, às 20h de hoje, no auditório do Departamento de Engenharia Florestal. Luciana lhe mostrará muita coisa sobre artes plásticas; Martha tocará piano especialmente para você; as cordas do violão de Nilson vibrarão em sua homenagem, e a voz de Hilda, você jamais esquecerá.

Este é um programa especial, denominado «O Nacionalismo na Arte Brasileira», com o patrocínio da Fundação Nacional de Arte. Quem não gostaria de ouvir Casinha

Pequenina (folclore) cantada ao som de violão? E Morena, Morena (folclore do Paraná)?

A programação segue com o Uirapuru (canto-violão), de Valdemar Henrique; Aria 7, modinha (canto-piano), de Oswaldo Lacerda; Quando uma flor desabrocha (canto-piano), de Francisco Mignone; O Leilão (canto-piano), de Hekel Tavares; Prelúdios números 2 e 3 (violão), de Villa Lobos; Lundu da Marquesa de Santos (canto-piano); Bachiana Brasileira n.º 5 (canto-piano), e 2.ª Suite Brasileira (piano), de Lorenzo Fernandes, composta de Ponteio, Moda e Caetereté.

Rápidas

Conhecimentos

A Assessoria de Assuntos Culturais da UFV desenvolverá atividades visando a complementar os conhecimentos tecnológicos e profissionalizantes dos estudantes desta Universidade, bem como a favorecer a melhoria cultural da comunidade viçosense. Quem se interessar em participar dessas atividades deverá inscrever-se, no Registro Escolar, de cinco a nove de março, das 8h às 12h e das 14h às 18h.

Alho

Segundo o professor Américo José da Silveira, chefe do Departamento de Fitotecnia do Centro de Ciências Agrárias da UFV, «já foram defendidas seis teses, a nível de mestrado, naquele Departamento, envolvendo a cultura do alho. Atualmente, além de dois estudantes, um a nível de mestrado e outro a nível de doutorado, estarem desenvolvendo os trabalhos de suas teses, com base na cultura do alho, duas a nível de mestrado já se encontram em fase de redação».

Matrícula

O término do prazo de matrícula, para os aprovados no Concurso Vestibular de 1979, será no próximo dia três de março, coincidindo com o término do período normal de matrícula dos veteranos.

Criança

As Nações Unidas têm ressaltado a importância do atendimento da criança como recurso humano indispensável ao desenvolvimento nacional. Considerando o caso particular na América Latina, recomenda a Unicef que «não se pode esperar mudança radical no panorama latino-americano, a menos que se iniciem políticas e planos que tenham como objetivo atender às necessidades da infância».

Interesse

Um fator importante que marca o interesse desta Instituição para com a sua comunidade universitária e comunidades viçosense e regional é a construção do Centro de Vivência, em obras no seu «campus». Ele terá instalações adequadas para teatro, cinema, conferências, exposições, recitais etc. Essas atividades, que serão desenvolvidas no Centro de Vivência, sem dúvida, muito influenciarão o aprimoramento cultural dessas comunidades.

Aperfeiçoamento

Termina amanhã a primeira etapa do Curso de Aperfeiçoamento em Métodos e Técnicas de Ensino, que o Departamento de Educação do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFV está oferecendo para os novos docentes desta Instituição. A segunda etapa vai de 19 a 23 deste mês.

Flores

Depois das chuvas, que caíram durante mais de um mês na região, muitas árvores do «campus» da UFV floriram. Quem vem à Universidade, passando pelas quatro pilastras observa belo panorama: as quaresmeiras e espatódeas floridas oferecendo um inigualável espetáculo de cores, prova da prodigalidade da natureza.

«Documento-síntese» sobre folclore



Cavalhada: toque de espadas.

Os participantes do I Encontro Universitário de Estudos de Folclore, realizado no período de 11 a 15 de outubro do ano passado, no «campus» da Universidade Federal de Viçosa (UFV), acabam de redigir o «documento-síntese» do encontro, relatando as conclusões a que chegaram, dentro do tema proposto — «qual o papel que caberá à escola no esforço que deve ser conjunto de apoio e preservação de nossos valores culturais, espontâneos e tradicionais».

Em resumo, o documento apresenta, como conclusões dos participantes do encontro, duas alternativas possíveis para a utilização do folclore na escola de 1.º e 2.º graus (Lei 5692/71): «Aproveitamento ocasional do fato folclórico nas disciplinas, sempre que haja oportunidade, sem que isso signifique uma participação no processo cultural da comunidade», e a que foi reconhecida por todos: «Inserção da escola no processo cultural da comunidade».

O documento

A redação do documento é da técnica em Assuntos Culturais da UFV e membro da Comissão Mineira de Folclore, Alice Inês de Oliveira e Silva, coordenadora do encontro. As conclusões são dos participantes: Armando de Paula, membro da Comissão Mineira de Folclore; Maria de Lourdes Borges Ribeiro, representante do Instituto Nacional de Folclore (Funarte); Sebastião Geraldo Breguez, jornalista membro da Comissão Mineira de Folclore; Sebastião Rocha, membro da Comissão Mineira de Folclore; Mauro Sá Rego Costa, professor do Conservatório Brasileiro de Música e pesquisador de folclore.

Com base na alternativa reconhecida pelos participantes do encontro — «inserção da escola no processo cultural da comunidade» — o folclore é vivência, e não há como aproveitá-lo academicamente, «sem descaracterizá-lo». Então, eles propõem «uma escola sem muros, em que a vivência espontânea e

tradicional que os alunos trazem para ela seja valorizada e explorada como material de trabalho e, principalmente, que se integre em toda a dinâmica cultural da comunidade, num jogo de interações sumamente vivificador para ambos».

Assim — acreditam eles — o folclore poderá ser efetivamente valorizado, pois «o folclore não é o exótico, o pitoresco, alguma coisa distante, mas pertence ao cotidiano, ao dia-a-dia de cada um». Lembraram que a preservação da cultura popular só pode ser feita «de uma forma dinâmica por aqueles que a vivem; fora disso, vira documento, peça de museu, uma coisa morta, estática».

Recomendações

Apresentadas as alternativas para a utilização do folclore na escola, fizeram duas recomendações, a primeira delas às escolas: «A escola deverá valorizar as manifestações culturais que ocorram fora de seus limites físicos, nas praças e nas ruas, estimulando a presença e participação de seus alunos e professores (essas manifestações podem ser aquelas organizadas pela co-



O Congado.

munidade, e que fazem parte da tradição local; podem ser promovidas por órgãos da cultura e outras instituições».

Segundo ainda o documento, «a escola deverá ser aberta ao legado cultural da comunidade; deverá ser estimuladora de acontecimentos da tradição local, sem interferir nesses acontecimentos, respeitando o seu tempo e seu espaço característico e as soluções propostas pelo grupo que vivencia o fato. Deverá ter plena consciência de que, mesmo não interferindo nesses acontecimentos, paradoxalmente, sua ação e sua presença atuarão de forma a influenciá-los».

Para os participantes do encontro, a escola deve aproveitar os recursos físicos e humanos disponíveis na comunidade para uma educação informal constante, acima de tudo, derrubando as barreiras entre o espaço físico da escola e da comunidade. É importante que valorize e aproveite a vivência e a experiência de artesãos, artistas, professores ou «brincantes de folguedos» e outras pessoas que possam contribuir para a educação permanente do aluno.

«A escola deverá dispor —

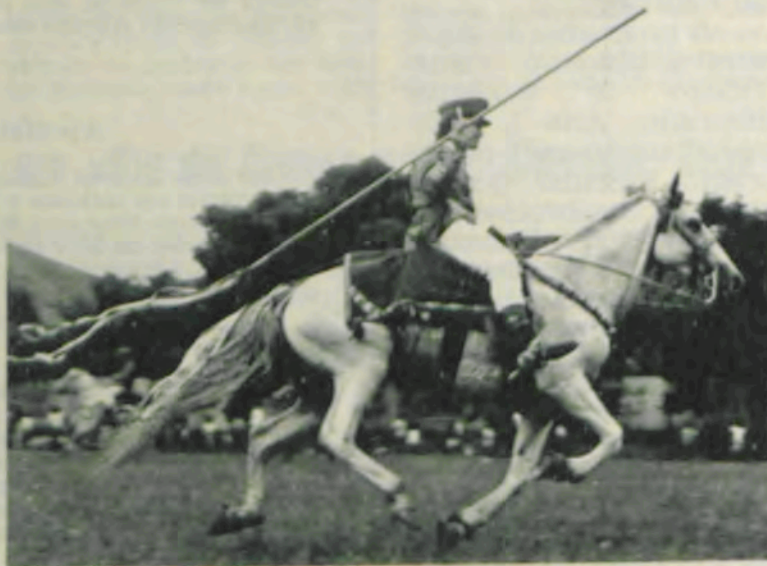
continua o documento — de espaço físico, para a prática de jogos e brinquedos folclóricos, principalmente nos centros grandes, onde a rua deixou de ser o seu local apropriado. Deixar que as crianças sigam o seu calendário inconsciente, na prática desses jogos».

A segunda recomendação feita pelos participantes do encontro é dirigida aos professores: «O professor deve ser o estimulador da criança, para que ela relate, viva e reelabore as formas folclóricas que compõem o seu modo de pensar, agir, sentir, aprendidas informalmente ou por imitação, dentro do seu próprio grupo familiar ou de vizinhança».

E mais: «o professor não deverá introduzir elementos exógenos à informação local, mesmo que ela esteja incompleta. E deverá ter consciência de que não existe uma forma padrão ideal. Se o fato folclórico é essencialmente dinâmico, correta será sempre a versão que predominar no lugar, porque refletirá experiências de vida local».

De acordo com o documento, ao professor cabe estimular os trabalhos de pesquisa do fato folclórico, partindo de casa e estendendo-se até a cidade do aluno, depois de passar pela rua e bairro. «Sobretudo, deve ter consciência de que, sendo o folclore uma coisa viva, não devem ser feitos trabalhos de pesquisa bibliográfica, notadamente, nas escolas de 1.º grau».

O documento diz, ainda, que «cabe à escola um papel decisivo na conscientização do povo de seus legítimos valores culturais». Quanto ao aproveitamento do folclore na escola, os participantes do encontro acham que «deverá incidir sobre os cursos de formação para o magistério: do ponto de vista curricular, incluindo-se, obrigatoriamente, um maior conhecimento teórico sobre folclore; do ponto de vista ideológico, reformulando-se os conceitos a respeito do próprio processo educativo, de tal forma que, derrubadas as barreiras, seja a escola uma força viva, na dinâmica cultural da comunidade».



Cavalhada: Corrida de lança.